

Guerra Junqueiro - Teixeira de Pascoaes: Para um mapa da amizade

Guerra Junqueiro, de seu nome completo Abílio Manuel Guerra Junqueiro (15.9.1850, Freixo de Espada à Cinta — 7.7.1923, Lisboa) e Teixeira de Pascoaes, nome literário de Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos (2.11.1877, Amarante — 14.12.1952, Gatão), serão os autores em apreço.

Não nos movem análises de influências ou de afinidades electivas. Ainda que aqui se possam aportar alguns contributos, outros, com maior autoridade, se ocuparam já delas ¹. Tentaremos apenas esboçar os laços da amizade recíproca entre Pascoaes e Junqueiro, com tradução em gestos concretos. Simultaneamente faremos algumas correcções a textos já publicados e sobre os quais hoje se trabalha. Publicaremos também um

¹ Entre outros: COELHO, Jacinto do Prado - *A poesia de Teixeira de Pascoaes*. Coimbra: Atlântida, 1945. p. 9-10; MAGALHÃES, António de - Na morte de Teixeira de Pascoaes. *Bro-téria* 56 (1953). p. 156; ANTUNES, Manuel - Três poetas do sagrado - Pascoaes, Pessoa, Régio. *Bro-téria* 65 (1957). p. 47; COELHO, Jacinto do Prado - *Introdução às Obras Completas de Teixeira de Pascoaes*. Vol. I. Lisboa: Bertrand, [s.d.] [1965]. p. 24-25; SIMÕES, João Gaspar - *A grandeza em Teixeira de Pascoaes*. In *PASCOAES*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1980. p. 108. [Organização da Secretaria de Estado da Cultura, comemorando o 1º centenário do nascimento do Poeta]; TEIXEIRA, António Bráz - *Deus, o Mal e a saudade. Estudos sobre o pensamento português e luso-brasileiro contemporâneo*. Lisboa: Fundação Lusíada, 1993, p. 44; VILHENA, António Mateus; MANO, Maria Emília Marques - *Raul Brandão - Teixeira de Pascoaes. Correspondência*. Lisboa: Quetzal Editores, 1994. p. 284; COUTINHO, Jorge - *Junqueiro - Pascoaes e a hermenêutica do cristianismo*. In *COLÓQUIO Guerra Junqueiro e a Modernidade*. (Actas do colóquio 3 e 4 Jan. 1997). Porto: U.C.P.; Lello Editores. 1998. p. 79-90, mais especificamente p. 87-88; IDEM - *O pensamento de Teixeira de Pascoaes. Estudo hermenêutico e crítico*. Braga: Faculdade de Filosofia, 1995. p. 57, nota 77. Encontra-se aí outra bibliografia sobre as possíveis influências de Junqueiro em Pascoaes.

pequeno, mas significativo, disperso de Pascoaes que não vimos ainda referenciado.

Como base deste texto tomaram-se alguns documentos autógrafos inéditos — cartas, cartões de visita e dedicatórias manuscritas nos livros que ambos trocaram como oferta — encontrados nas Bibliotecas Particulares de Pascoaes e Junqueiro. Tais acervos bibliográficos acham-se, respectivamente, na «Casa de Pascoaes», em Gatão, Amarante e na Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro e Luís Pinto de Mesquita Carvalho, à Sé, no Porto.

Pascoaes «apaixona-se» pela poesia por volta dos quinze anos. «Nessa época amanhecendo da minha vida, lia e relia a 'Morte de Dom João', a 'Velhice do Padre Eterno', os 'Simples' (...)»². E assim, recordará em 1923, «(...) Abriu-se, em mim, de súbito, uma janela para a luz. Fiquei, para sempre, deslumbrado»³. Junqueiro, quase trinta anos mais velho e já Poeta consagrado, era confessadamente o ídolo da juventude de Pascoaes.

Pascoaes frequentava então (1892-1893) o liceu amarantino tendo por discípulo um tal Nasianzeno, admirador de João de Deus. Por seu lado, Pascoaes idolatrava Junqueiro, afirmando mesmo com frequência: «Serei um outro Guerra Junqueiro!»⁴.

Movido por «um desejo quase sobrenatural»⁵ de ver Junqueiro face a face, Pascoaes empreende uma viagem ao Porto — «Foi numa férias da Páscoa; talvez no ano de 1895. Meu pai concedeu-me licença de ir ao Porto, embora contrariado, porque eu era mau estudante»⁶. (...) Vejo-me

² PASCOAES, Teixeira de - *Guerra Junqueiro*. Porto. Tip. Sequeira, 1950. p. 12. [Texto da conferência proferida no teatro Amarantino a 19 de Março de 1950]. Recorde-se que Junqueiro publicara aquelas obras, respectivamente, em 1874, 1885, 1892.

³ IDEM - «Duas palavras». *A Águia*. n.º 13-14 (Julho-Agosto 1923). p. 55.

⁴ IDEM - *Guerra Junqueiro*. p. [9].

⁵ *Ibidem*. p. 13

⁶ Tudo se terá devido ao facto de, pouco tempo antes, Pascoaes ter descoberto a biblioteca do avô paterno... Sua irmã Maria da Glória esclarece-nos: «Ficou cheio de alegria e entusiasmo. Chamou-me para o ajudar a arrumar os livros e nunca mais pegou num livro escolar. O resultado foi ficar reprovado em Português. O professor procurou o meu pai para lhe dizer: 'Seu filho não sabe nada, nem nunca pode saber'. Pascoaes endireitou-se, olhou de alto o professor e respondeu: 'Hei-de provar-lhe que se enganou'. Repetiu o exame em Outubro e ficou distinto. Pelo curso fora, estudou somente para passar e não para se distinguir. Percebeu o grande desgosto que tinha dado ao Pai em ficar reprovado em português.» VASCONCELLOS, Maria da Glória Teixeira de - *Olhando para trás vejo Pascoaes*. [2ª edição] Lisboa: Assírio & Alvim, 1996. p. 31-32.

ainda na imperial diligência, que partia de Amarante para Vila Meã, puxada por quatro esqueletos de cavalos (...)»⁷. Dali toma o comboio para a Invicta. «O comboio, como vítima da mesma doença dos cavalos, entrava nas agulhas, sempre atrasado, cansado e ofegante»⁸. As demoradas paragens nas estações impacientam-no.

«Finalmente, apiei-me, em Campanhã, depois de quatro horas ou anos de viagem!»⁹ E, uma vez nas ruas do Porto, «a observar as fisionomias dos transeuntes», procura o seu ídolo. Não se atrevera a bater-lhe à porta. Procurava encontrá-lo à luz do sol. E assim aconteceu: «(...) subindo eu a rua dos Clérigos, senti, de repente, uma pancada no coração! Era ele, que vinha direito a mim, descendo a mesma rua! Era ele! Era ele! Lampejou-me, nos olhos, aquele seu perfil magro, de bigode preto a morder sarcasticamente um 'habano', conforme o conhecia já do seu retrato impresso na primeira página da 'Velhice'. Notei o seu pequeno chapéu mole, tão característico como a cartola alta de Camilo (...). O pequeno chapéu de Junqueiro rimava com a sua estatura de poeta, não de atleta. Fiquei parado, a olhá-lo, de boca aberta, embora a conservasse fechada... (...) Pareceu-me que ele percebeu a minha atitude espantada, porque o seu sorriso irónico acendeu-se-lhe mais e como que se tornou amável... Desconfiei, no mesmo instante, de que o poeta observava, de soslaio, os transeuntes, em procura de admirações fisionómicas, idênticas à minha, que deviam persegui-lo, na Praça Pública, constantemente. (...) Era extraordinária a celebridade deste poeta. Foi o último poeta célebre, como Bocage foi o penúltimo (...)»¹⁰.

Não foi ainda nesse dia que Pascoaes e Junqueiro se falaram. Não tardou que o jovem Pascoaes perdesse de vista, entre os poucos transeuntes desse Porto, o autor de *A Morte de D. João*. E assim, conta Pascoaes, «regressei à minha vila, com a silhueta do Poeta ampliada na minha imaginação, onde névoas e névoas de emoção tentavam definir-se.»¹¹.

Foi provavelmente aquela impressão o que motivou Pascoaes a lançar-se à escrita e a escrever o seu primeiro livro de poesia, melhor, de versos. Profeticamente chamou-lhe *Embriões* e imprimiu-o na Tipografia Industrial do Porto, em 1895.

⁷ PASCOAES - *Guerra Junqueiro*. p. 14.

⁸ *Ibidem*. p. 15.

⁹ *Ibidem*. p. 16.

¹⁰ *Ibidem*. p. 17-19.

¹¹ *Ibidem*. p. 19-20.

Por intermédio de seu pai — João Pereira Teixeira de Vasconcellos, amigo de Guerra Junqueiro — envia os *Embriões* ao Poeta de Freixo que, depois de os ler, dá o seguinte conselho ao seu interlocutor: «Diz a teu filho que se deixe de versos.»¹² Pascoaes, nos seus dezoito anos, não resiste e, conta Maria da Glória Vasconcellos, sua irmã dilecta: «os exemplares que havia lá em casa queimou-os todos.»¹³ Mas Pascoaes não desistirá da poesia.

Um ano depois, em 1896, imprime na Tipografia França Amado de Coimbra, a 1ª parte do livro de poesia que tituló por *Belo*¹⁴. E a 8 de Julho de 1896, atreve-se a enviá-lo, agora por correio, a Junqueiro, com a seguinte dedicatória (de leitura difícil): «Ao Mestre extraordinário da Poesia [?] office o mais insignificante discípulo Joaquim [?] Amarante — 8-7-96»¹⁵.

Na Biblioteca de Teixeira de Pascoaes encontramos a segunda edição de *Pátria*¹⁶, de Guerra Junqueiro, com dedicatória manuscrita a Pascoaes. *Pátria* terá saído ainda no mês de Fevereiro de 1896. Não sabemos se a oferta de Junqueiro terá sido imediata. Pelo teor da dedicatória estamos em crer que não. Talvez a tenha enviado apenas depois de receber *Belo* da parte do jovem Joaquim, pela primeira quinzena de Julho. Escreveu Junqueiro: «Ao jovem e esperançoso poeta T. de Vasconcellos. G. Junqueiro».

Pascoaes, no ano seguinte, também em Coimbra, onde está como aluno da Faculdade de Direito, publica a segunda parte de *Belo*¹⁷, e não se esquece de enviar um exemplar a Junqueiro, assinando já com o seu no-

¹² VASCONCELLOS, Maria da Glória Teixeira de - *Olhando para trás*. p. [34].

¹³ *Ibidem*. p. [34]. «Dos poucos exemplares que se salvaram da fogueira em que os queimou, encontra-se um na Biblioteca Pública do Porto, por sinal, aquele de que tinha feito oferta a Sampaio Bruno». COUTINHO - *Junqueiro - Pascoaes*, p. 87, nota 2.

¹⁴ PASCOAES, Teixeira de - *Bello*. Coimbra. Typ. França Amado, 1896.

¹⁵ Esta dedicatória, como as que adiante se citam, podem ler-se nos exemplares que Pascoaes ofereceu a Junqueiro e se encontram na Biblioteca Particular de G. Junqueiro reunida na Fundação Maria Isabel Guerra Junqueiro e Luís Pinto de Mesquita Carvalho, à Sé, no Porto.

¹⁶ JUNQUEIRO, Guerra - *Pátria*. 2ª edição. Porto: Livraria Chardron, 1896. Recorde-se que a primeira edição deste poema épico, em razão das ameaças que sobre ele pairavam, saiu dos prelos com edição e inteira responsabilidade do seu autor. A primeira edição de *Pátria* esgotou em cinco dias. Para a segunda edição, Junqueiro assinou, a 26 de Fevereiro, um contrato com a «Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores» cedendo a esta os direitos de propriedade vendendo «de hoje para todo o sempre» a «propriedade absoluta» da obra. Cf. SAMUEL, Paulo - *Nota editorial*. In JUNQUEIRO, Guerra - *Pátria*. Porto: Lello Editores, 1996. p. [7]. [Edição comemorativa do Centenário da 1ª edição da *Pátria*].

¹⁷ PASCOAES, Teixeira de - *Bello. Meditações (2ª parte)*. Coimbra: França Amado, 1897.

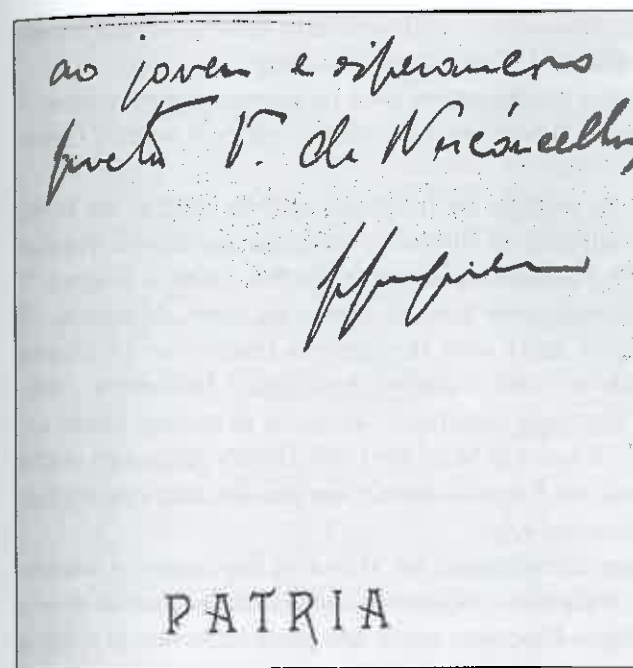


Fig. 1 - *Pátria*.
2ª edição.

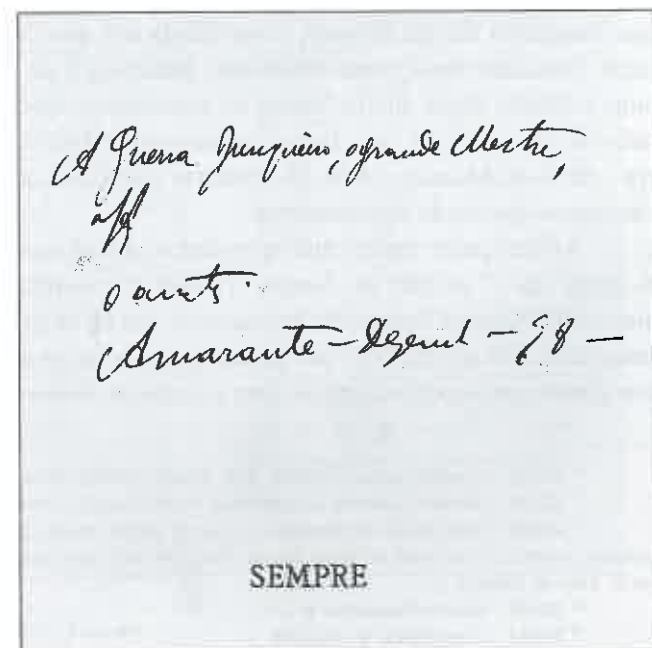


Fig. 2 - *Sempre*.

me literário: «A Guerra Junqueiro, o extraordinário ilustre, oferece o mais humilde discípulo. Porto - 97. Teixeira de Pascoaes».

Em 1898, Pascoaes publica novo livro de poesia, *À minha alma*¹⁸ que, de Coimbra, envia a Junqueiro: «Ao Mestre off.ce o auctor, Coimbra — 25-11-98 —».

Não há notícia da reacção de Junqueiro àquelas ofertas do Poeta amarantino. Porém, o silêncio de Junqueiro havia de quebrar-se. Naquele mesmo ano de 1898, Pascoaes, ainda em Coimbra, publica *Sempre*¹⁹, que considera ser o seu «primeiro livro de versos, ou antes, de poesia»²⁰. E também dum exemplar desta obra faz oferta a Junqueiro: «A Guerra Junqueiro, o grande Mestre, Off. o auctor. Amarante - Dezembro - 98».

Anos volvidos, Pascoaes recordará: «Fiquei a dever-lhe, desde então, a sua amizade.»²¹ É que em Maio de 1899, Guerra Junqueiro, então na sua Quinta da Batoca, em Barca de Alva, escreveu-lhe uma extensa carta de agradecimento e apreciação.

Na altura em que encontramos, na «Casa de Pascoaes», o manuscrito daquela carta de Junqueiro, julgámo-la inédita. Rapidamente descobrimos que não. O próprio Pascoaes, ainda que postumamente, já a havia dado a conhecer²².

Decidimos colacionar o texto publicado com o manuscrito e deparámos não só com um texto acéfalo, truncado e desordenado nas citações que Junqueiro fez do *Sempre*, como ainda um ano de erro na datação da carta. Pascoaes deu-a como tendo sido datada de 8 de Maio de 1898. Contudo, e depois duma análise atenta ao manuscrito, descobrimos ter sido datada - o que é curioso, pois Junqueiro raramente datava a sua correspondência - de 9 de Maio de 1899. O contrário não fazia, aliás, sentido com os elementos que atrás apresentámos.

Assim, pelas razões que apontámos, decidimos (re)publicá-la aqui. A partir da 1ª edição de *Sempre* (1898) e concretamente do exemplar oferecido a Guerra Junqueiro, anotaremos, em pé de página, as citações que Junqueiro dele ali faz. Não nos parece ocioso este procedimento. Basta um comparativo e superficial olhar para o texto de *Sempre* na 1ª edição e para

¹⁸ IDEM - *À minha alma*. Coimbra: Typ. França Amado, 1898.

¹⁹ IDEM - *Sempre*. Coimbra: Typographia França Amado, 1898.

²⁰ IDEM - *Uma fábula (O advogado e o poeta)*. Porto: Brasília Editora, 1978. p. 132. [Livro póstumo, contudo, como pode ler-se no fim da obra, concluído pelo autor a 5 de Outubro de 1952, em S. João de Gatão].

²¹ IDEM - *Guerra Junqueiro*. p. 21.

²² IDEM - *Uma fábula*. p. 132-134.

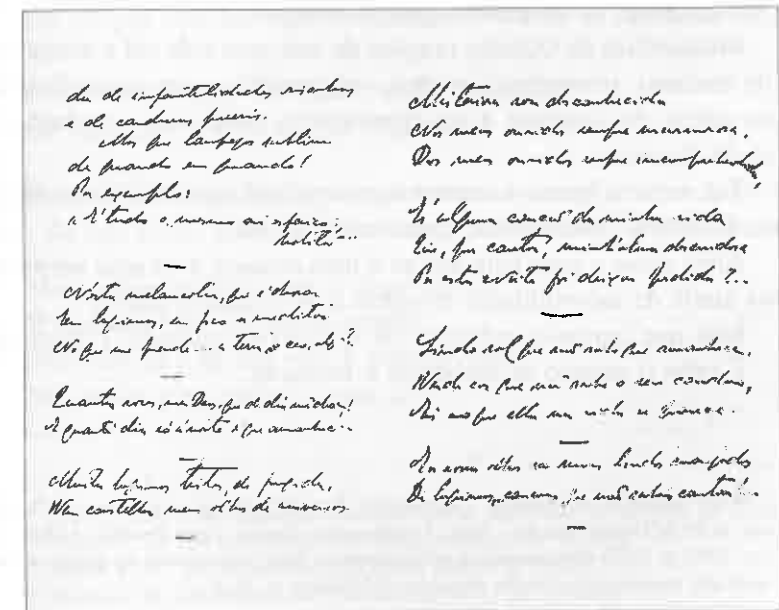
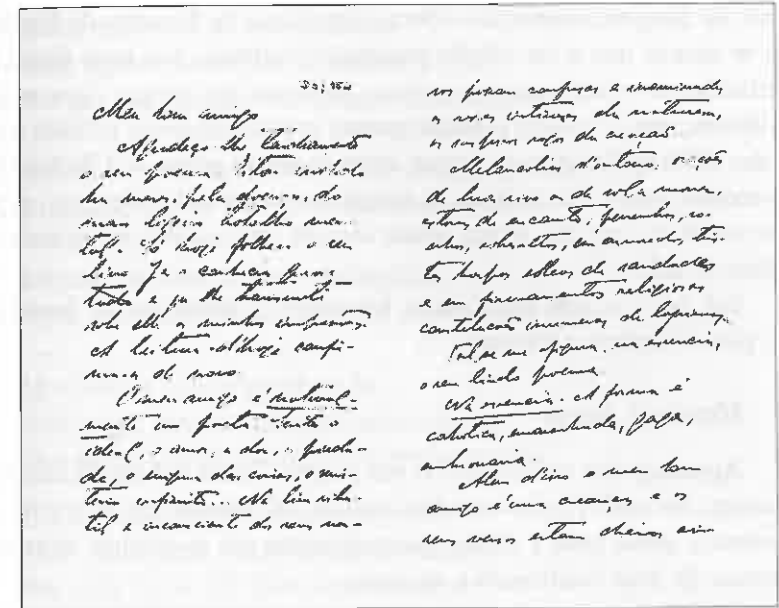


Fig. 3/4 - Carta de T. Pascoaes.

o texto de *Sempre* inserto nas «Obras Completas de Teixeira de Pascoaes» para se apurar que o da edição princeps é formado por uma única parte distribuída em vinte e quatro poemas, ao longo de cento e doze páginas, que desses vinte e quatro poemas apenas seis mantiveram o título na edição das «Obras Completas» e que, como também notou A. Cândido Franco, «mesmo esses seis poemas só raríssimas vezes coincidem no corpo do texto nas duas edições, sendo quase sempre irreconhecíveis quando postos lado a lado.»²³

Eis, pois, a carta que Guerra Junqueiro, a propósito de *Sempre*, enviou para Coimbra a Pascoaes²⁴:

Meu bom amigo

Agradeço-lhe tardiamente o seu poema. Estou inibido há meses, pela doença, do mais ligeiro trabalho mental. Só hoje folhee o seu livro. Já o conhecia quase todo e já lhe transmiti sobre ele as minhas impressões. A leitura de hoje confirmou-a de novo.

O meu amigo é *naturalmente* um poeta. sente o ideal, o amor, a dor, a piedade, o enigma das coisas, o mistério infinito... Na lira vibrátil e inconsciente dos seus versos passam confusas e inominadas as vozes íntimas da natureza, os suspiros vagos da criação...

Melancolias de Outono, orações de luar vivo e de sol a morrer, extases de encanto, penumbras, sonhos, sobressaltos, com arvoredos tristes harpas eólicas de saudades e em firmamentos religiosas contelações inúmeras de lágrimas.

Tal se me afigura, na essência, o seu lindo poema. *Na essência*. A forma é caótica, emaranhada, gaga, embrionária.

Além disso o meu bom amigo é uma criança, e os seus versos estão cheios ainda de infantilidades risonhas e de canduras pueris.

Mas que lampejos sublimes de quando em quando! Por exemplo: É tudo o mesmo ai espherico e habitado...²⁵

²³ Cf. FRANCO, A. Cândido - *Introdução. Prolegómenos do saudosismo de Teixeira de Pascoaes*. In PASCOAES, Teixeira - *Belo. À minha alma. Sempre. Terra Proibida*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1997. p. 24. O desfazamento é particularmente claro precisamente no poema «Quinta da Paz», dedicado em epígrafe a Guerra Junqueiro. Cf. *Ibidem*. p. 24-25.

²⁴ Os itálicos são de Guerra Junqueiro.

²⁵ PASCOAES, Teixeira de - *Sempre*. Coimbra. Typographia França Amado, 1898. p. [8]. [A abrir].

Nesta melancolia, que é chorar
Sem lágrimas, eu fico a meditar
No que me prende... a terra, o céu, alguém?...²⁶

—
Quantas vezes, meu Deus, que de dia não chamam!
E quanto dia só á noite é que amanhece!...²⁷

—
Muitas lágrimas tristes, de fugida,
Vem constellar meus olhos de universos...²⁸

—
Mysteriosa voz desconhecida,
Nos meus ouvidos sempre murmurosa,
Dos meus ouvidos sempre incompreendida,

E's alguma canção da minha vida
Que, por cantar, minh'alma descuidosa
Por esta Noite foi deixar perdida?...²⁹

—
Lindo sol que não sabe que amanhece,
Verde côr que não sabe o seu condão,
Eis ao que ella, na vida, se parece.³⁰

—
E os vossos olhos são mais lindos marejados
De lágrimas... canções que não sabeis cantar!...³¹

E por último citar-lhe-ei esses 4 versos, onde se resume o seu livro e, mais do que o seu livro, a intimidade verdadeira da sua alma:

Meu pobre coração, que o fogo ateia,
E que sem dar por tal eu reparti,
Não nasceu p'ra dar vida a alguma ideia
Mas antes p'ra sonhar o que vivi...³²

²⁶ *Ibidem*. p. 28. [Da composição intitulada «Sobre uma rocha, ao sol-pôr» (p. 27-28)].

²⁷ *Ibidem*. p. 29. [Da composição «As minhas sombras» (p. 29-32)].

²⁸ *Ibidem*. p. 33. [Da composição «Na minha aldeia» (p. 33-34)].

²⁹ *Ibidem*. p. 60. [Da composição «Mysteriosa voz...» (p. 59-60)].

³⁰ *Ibidem*. p. 65. [Da composição «Virgem Maria» (p. 63-66)].

³¹ *Ibidem*. p. 92. [Da composição «A minha aldeia» (p. 87-92)].

³² *Ibidem*. p. 49. [Da composição «Para isto...» (p. 49-50)].

É o dom divino de sonhar a vida que foi o génio dos poetas.

O mundo, pesando-se, é leve. Medindo-se, é estreito. Sonhando-o é infinito: dilui-se em Deus.

Em conclusão: o seu livro é uma obra d'arte infantil, deixando adivinhar, a relâmpagos, um belo poeta predestinado.

Receba um abraço do
seu amigo e camarada
Guerra Junqueiro.

Barca d'Alva 9/5/99.

Guerra Junqueiro sublinhava, por regra a lápis, os textos que despertavam a sua atenção e interesse. Das obras que Pascoaes lhe ofereceu e que se encontram agora na Biblioteca Particular de Guerra Junqueiro reunida na Fundação criada pela sua filha Maria Isabel, apenas o *Sempre* tem sublinhados.

É sabido que Teixeira de Pascoaes, em dedicatória impressa, ofereceu «A Guerra Junqueiro» a composição «Quinta da Paz»³³, do *Sempre*. Refira-se que, no exemplar oferecido, Junqueiro não lhe fez qualquer sublinhado nem, como vimos, qualquer comentário na carta de 9 de Maio de 1899. Talvez o tivesse feito em outras instâncias.

Ainda a propósito do *Sempre*, Guerra Junqueiro terá também escrito a João Teixeira de Vasconcellos, seu amigo e pai de Teixeira de Pascoaes: «Diz a teu filho que breve vou a Amarante para o conhecer e abençoar a mãe.»³⁴ Tempos depois, o «'Recorte' trazia esta notícia: estando Junqueiro a falar de Pascoaes não sei com quem, disse: 'Se eu tivesse um filho gostava que ele fosse o Pascoaes'.»³⁵

Os laços de amizade entre os dois Poetas manter-se-iam. Na mesma «Casa de Pascoaes», em Gatão, Amarante, encontrámos outros documentos da autoria de Guerra Junqueiro que, estes sim, julgamos completamente inéditos.

Um cartão de visita, não datado, mas que, pelo carimbo do correio no envelope em que foi expedido, será também daquele 9 de Maio de 1899, data em que foi escrita a carta que atrás apresentámos. Por isso, o livro a que Junqueiro se refere é, ainda, o *Sempre*:

³³ *Ibidem*. p. 67-76.

³⁴ VASCONCELLOS - *Olhando para trás*, p. [34].

³⁵ *Ibidem*. p. [34].

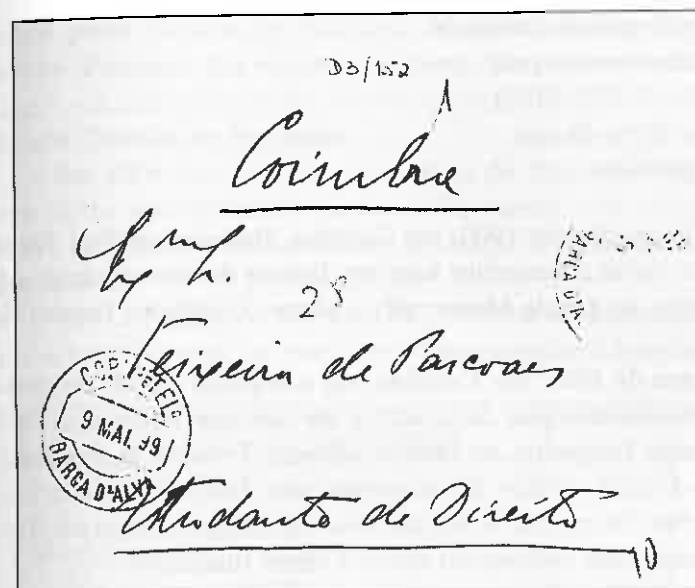


Fig. 5 - Sobrescrito.

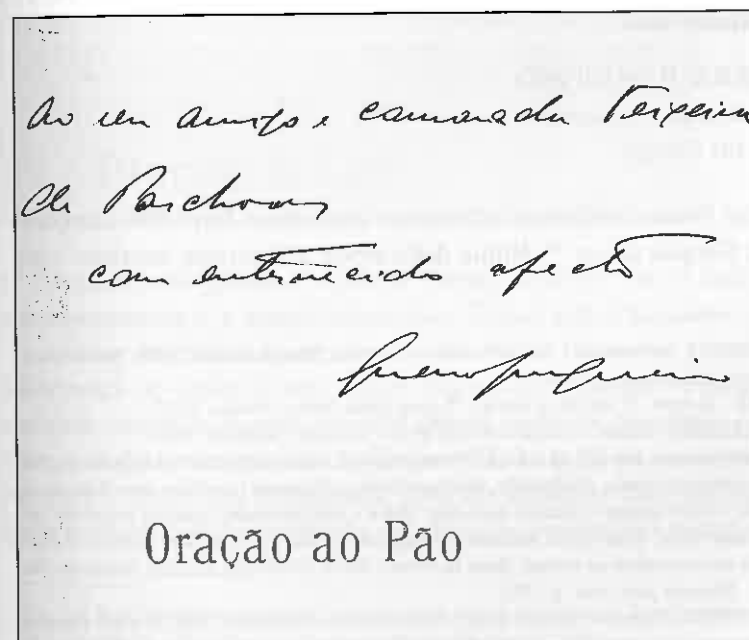


Fig. 6 - Oração ao Pão.

Meu bom e grande camarada
Mil agradecimentos pela
GUERRA JUNQUEIRO
generosa oferta do seu
livro esplendido.

Pelos últimos dias de 1900, em Coimbra, Pascoaes publica *Terra Proibida*³⁶, que envia a Junqueiro logo em Janeiro do ano seguinte: «A Guerra Junqueiro, ao grande Mestre off. o auctor. Coimbra - Janeiro de 1901».

Nos inícios de 1902, em Coimbra, sai a segunda edição do *Sempre*³⁷ e também um exemplar desta obra é enviado por Pascoaes a Junqueiro: «A Guerra Junqueiro, ao Mestre, oferece Teixeira de Pascoaes. Amarante - 16 d' Abril - 1902». Nesse mesmo ano, Junqueiro dá à estampa *Oração ao Pão*³⁸ e retribui as ofertas: «Ao seu amigo e camarada Teixeira de Pascoaes, com enternecido affecto Guerra Junqueiro».

Por ocasião do falecimento do irmão de Teixeira de Pascoaes, António Pereira Teixeira de Vasconcelos³⁹, a 28 de Junho de 1903, e ainda que tardiamente, Junqueiro significa-lhe a sua dor através de um outro cartão de visita, também sem data, mas com carimbo do correio de 31 de Julho daquele ano.

GUERRA JUNQUEIRO
Sentidíssimos pesames
Villa do Conde.

Os dois Poetas continuam a trocar as suas obras. Em 1904, Junqueiro publica a *Oração à Luz*⁴⁰. Numa dedicatória a Pascoaes, escreve: «Ao

³⁶ PASCOAES, Teixeira de - *Terra prohibida*. Coimbra: França Amado, 1900. Encontrámos o exemplar apenas parcialmente aberto.

³⁷ IDEM - *Sempre*. 2ª edição. Coimbra: Typographia França Amado, 1902.

³⁸ JUNQUEIRO, Guerra - *Oração ao Pão*. Porto: Livraria Chardron, 1902.

³⁹ Suicidou-se com um tiro na cabeça. Numa pequena, mas enternecedora biografia de Pascoaes, a irmã de ambos escreveu: «O António, inteligentíssimo mas muito impulsivo, era cheio de carácter e dignidade e tinha sempre o coração nas mãos. Pobre e querido irmão! Quantas vezes me curvo ante a tua grande alma! Uma vez, à noite, ao regressar da escola, vinha sem camisa. Tinha dado a um garoto que encontrou na estrada cheio de fome e frio.» VASCONCELLOS, Maria da Glória Teixeira de - *Olhando para trás*. p. [20].

⁴⁰ JUNQUEIRO, Guerra - *Oração à Luz*. Porto: Livraria Chardron, 1904. O autor ofereceu também um outro exemplar desta obra a João Pereira Teixeira de Vasconcelos, com a seguinte dedicatória: «Ao seu querido amigo J. Teixeira de Vasconcellos affectuosamente offee Guerra Junqueiro.»

grande poeta Teixeira de Pascoaes, de todo coração offee Guerra Junqueiro». Pascoaes, por seu lado, responde-lhe com um exemplar de *Para a Luz*⁴¹: «A Guerra Junqueiro, Mestre sublime, Poeta Divino das «Orações». Oferece Teixeira de Pascoaes».

Em 1906, em Coimbra, novo livro de Pascoaes, *Vida Etérea*⁴², e nova oferta com dedicatória ao seu velho mestre: «Ao Mestre sublime, a Guerra Junqueiro, o divino Autor da Oração à Luz, oferece Teixeira de Pascoaes».

Em Lisboa, pelos fins de 1907, o Poeta de Amarante leva a lume *As sombras*⁴³ e, uma vez mais, envia um exemplar a Junqueiro: «A Guer-

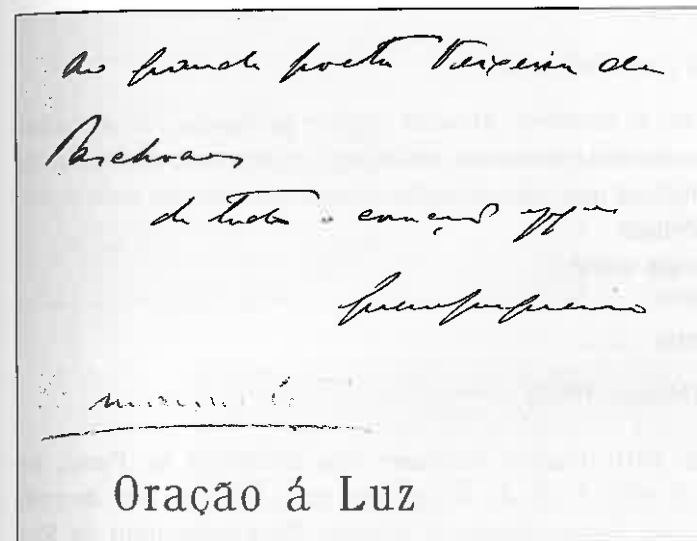


Fig. 7 - Oração à Luz.

ra Junqueiro, ao grande e sublime Poeta, oferece com o mais profundo reconhecimento e a maior admiração, Teixeira de Pascoaes».

Nos últimos dias de Janeiro de 1908, Junqueiro encontra-se em Salamanca de visita ao seu amigo Miguel de Unamuno e provavelmente tentando evitar os acontecimentos que já então se previam — o assassinato, a 1 de Fevereiro, de D. Carlos e D. Luís Filipe, príncipe herdeiro. Junqueiro, ainda em Salamanca, sabe do sucedido logo no dia seguinte. Sabe também que é acusado de «profeta» e responsável moral pelo crime,

⁴¹ PASCOAES, Teixeira de - *Para a Luz*. Porto: Figueirinhas Junior, 1904.

⁴² IDEM - *Vida Etherea*. Coimbra: F. França Amado, 1906.

⁴³ IDEM - *As sombras*. Lisboa: Livraria Ferreira, 1907.

por causa do poemeto «O Caçador Simão». A 8 de Fevereiro, faz a viagem para Portugal durante a qual lê, no «Notícias de Lisboa» do dia 5, um telegrama a seu respeito, a propósito do assassinato, com declarações e ideias que não lhe pertencem. No Porto, a 10, escreve um categórico desmentido em carta que dois jornais, «A Voz Pública» e «O Norte», publicam a 12.

Provavelmente pelas agitações em que se vê envolvido, decorridas do regicídio, Junqueiro só em Março lê e agradece em carta a Pascoaes a oferta de *As Sombras*. A carta, que julgamos ainda hoje inédita, à boa maneira do Poeta da *Pátria*, foi datada apenas com o dia em que foi escrita: 17. Pelo carimbo do correio sabemos ser de Março de 1908:

Alto poeta e cordeal amigo

Acabo de ler as *Sombras*. Músicas vagas e profundas, de sonhador e de vidente. Céus escuros e dolorosos, relâmpagos espirituais, desvendando infinitos. Alma ingénua que tudo adivinha, coração paterno que tudo sente.

Hino esplêndido.

Abraça-o com ardor o
seu amigo
G. Junqueiro

Porto 17 [Março. 1908]

No ano de 1910, Guerra Junqueiro tem residência no Porto, na rua da Alegria, nº 837. A 22 de Novembro desse ano, sai um decreto nomeando-o enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da República Portuguesa junto da Confederação Suíça, em Berna. Contudo, só a 25 de Maio do ano seguinte partirá para Berna.

As relações de amizade prosseguem e solidificam-se. Pascoaes continua a publicar e a enviar os seus livros a Junqueiro. Em 1911, do Porto, com dedicatória datada de 20 de Fevereiro, envia-lhe *Marânus*⁴⁴: «A Guerra Junqueiro, o nosso imortal Poeta, nosso orgulho e glória. Oferece Teixeira de Pascoaes. Fós 20-1911 - Fev.».

No ano seguinte, publica e oferece a Junqueiro *Elegias*⁴⁵: «A Guerra Junqueiro, ao nosso maior Poeta, Oferece Teixeira de Pascoaes»; e

⁴⁴ IDEM - *Marânus*. Porto: Magalhães & Moniz, L.da - editores, 1911. Encontrámos o exemplar por abrir, ou seja, com margens integrais, o que significa que Junqueiro não o leu.

⁴⁵ IDEM - *Elegias*. [Porto: Nova Renascença], 1912.

Alto poeta e cordeal amigo
Acabo de ler as *Sombras*
Músicas vagas e profundas, de
sonhador e de vidente. Céus
escuros e dolorosos, relâmpagos
espirituais, desvendando infinitos.
Alma ingénua que tudo adivinha,
coração paterno que tudo sente.
Hino esplêndido.
Abraça-o com ardor o
seu amigo
G. Junqueiro

Fig. 8 - Carta de Guerra Junqueiro



A Guerra Junqueiro
ao eminente Poeta
com a maior admiração e amizade,
oferece
Teixeira de Pascoaes
Amarante
Fev.
1911

Fig. 9 -
Sempre.
3ª edição.

Regresso ao Paraíso ⁴⁶: «A Guerra Junqueiro, o glorioso e amado Poeta, com religiosa admiração, offerece o auctor. Amarante - Maio - 912».

Entretanto, a 10 de Junho de 1912, Junqueiro pronuncia um discurso em Berna para a colónia portuguesa ali residente. Esse discurso é publicado com o título «A festa de Camões» ⁴⁷ e Junqueiro oferece-o a Pascoaes, seu amigo e camarada das lides republicanas: «Ao grande camarada e amigo Teixeira de Pascoaes, mtº cordealmente GJº».

Em 1912, funda-se no Porto o movimento poético-filosófico da «Renascença Portuguesa», no qual Junqueiro e Pascoaes hão-de encontrar-se em funções. O primeiro na presidência, o segundo na vice-presidência.

Em 1915, sai a terceira edição do *Sempre* ⁴⁸. Pascoaes envia um exemplar para o Porto, rua da Alegria, nº 837: «A Guerra Junqueiro ao eminente Poeta, com a maior admiração e amizade, off. Teixeira de Pascoaes. Amarante Fev. 915».

Pelos fins de 1917, sai, na «Renascença Portuguesa», a segunda edição de *Terra Proibida* ⁴⁹. Em Janeiro do ano seguinte, Pascoaes faz oferta de um exemplar àquele que considera ser «o maior e glorioso Poeta português»: «A Guerra Junqueiro, o maior e glorioso Poeta português, offerece com a maior consideração e admiração. Teixeira de Pascoaes. Amarante. Jan. 918».

Em Março de 1918, em Barca de Alva, Guerra Junqueiro conclui *O Monstro Alemão* ⁵⁰ que, uma vez publicado, envia ao «grande poeta» Pascoaes: «Ao grande poeta Teixeira de Pascoaes, o seu cordeal amº Guerra Junqueiro».

Ainda naquele ano de 1918, Teixeira de Pascoaes realizara, no mês de Junho, algumas conferências no «Institut de Estudis Catalan», em Barcelona. Havia de publicá-las, pelos fins de 1919, com o título *Os poetas lusíadas* ⁵¹, enviando-as de seguida «ao nosso maior poeta contemporâneo»:

⁴⁶ IDEM - *Regresso ao paraíso*. Porto: A Renascença Portuguesa, 1912. Encontrámos o exemplar também por abrir.

⁴⁷ JUNQUEIRO, Guerra - *A festa de Camões*. (Discurso pronunciado a 10 de Junho em Zurich, n'um banquete da colonia portugueza) [S.l.: s.n.], 1912. Junqueiro há-de recolher este texto, mais tarde, em 1921, nas *Prosas dispersas*. p. 95-103.

⁴⁸ PASCOAES, Teixeira de - *Sempre*. 3ª edição. Porto: Renascença Portuguesa, 1915.

⁴⁹ IDEM - *Terra prohibida*. 2ª edição. Porto: «Renascença Portuguesa», 1917.

⁵⁰ JUNQUEIRO, Guerra - *O monstro alemão. Atila e Joana d'Arc*. Porto: Junta Patriótica do Norte. Tip. do «Commercio do Porto», 1918. Junqueiro havia de inserir este opúsculo de 20pp, cujo produto da venda se destinou à obra de assistência aos orfãos de guerra, em *Prosas Dispersas*. p. 141-169.

⁵¹ PASCOAES, Teixeira de - *Os poetas lusíadas*. Porto. Tip. Costa Carregal, 1919.

«A Guerra Junqueiro, ao nosso maior poeta contemporâneo, obscura homenagem de Teixeira de Pascoaes. Amarante — [?] 920».

Até à morte do seu amigo Junqueiro, em 1923, o poeta amarantino havia de publicar, pelo menos, mais cinco trabalhos. No entanto, *Os poetas lusíadas*, foi a última das publicações que encontrámos seja com dedicatória ao Poeta de *Os Simples*, seja sem ela.

Em 1920, Junqueiro, com setenta anos de idade, decide ainda reunir e publicar algumas das suas *Poesias dispersas* ⁵², e enviá-las ao poeta de Amarante: «Ao grande poeta e seu querido amº Teixeira de Pascoaes, cordealmente of.ce. Guerra Junqueiro».

Fig. 10 - *Poesias Dispersas*.

No ano seguinte, Junqueiro faz o mesmo com a sua produção em prosa e publica *Prosas dispersas* ⁵³. Será a última das suas publicações em vida e, por conseguinte, a última oferta ao «grande poeta e seu querido amigo»: «Ao grande poeta e seu querido amigo Teixeira de Pascoaes, afectuosamente Guerra Junqueiro.» ⁵⁴.

⁵² JUNQUEIRO, Guerra - *Poesias dispersas*. Porto: Livraria Chardron, 1920.

⁵³ IDEM - *Prosas dispersas*. Porto: Livraria Chardron, 1921.

⁵⁴ No entanto, sem dedicatória, encontram-se, obviamente, outras obras de Junqueiro no

Dos documentos enviados por Guerra Junqueiro e encontrados na «Casa Pascoaes», consta ainda um outro cartão de visita sem data. Pela complexidade de possibilidades que abre, não ousamos datá-lo:

Querido Amigo
Guerra Junqueiro deixa-lhe
um afectuoso abraço de
despedida.

Por carta de Raul Brandão, datada de 10 de Julho de 1921, Pascoaes sabe do melindroso estado físico do venerando Junqueiro. No dia seguinte, numa carta em resposta a Brandão, dá conta da «grande impressão» que sentiu, dizendo que brevemente irá visitar Junqueiro ⁵⁵.

Guerra Junqueiro despede-se da vida a 7 de Julho de 1923, na casa de sua filha Maria Isabel, em Lisboa. O Poeta de *A Velhice do Padre Eterno* havia declarado que queria um funeral religioso e simples, que a família não aceitasse coroas de flores, que não se fizessem discursos junto da sua sepultura e que queria levar consigo uma imagem de S. Francisco de Assis.

Teixeira de Pascoaes sabe da morte de Junqueiro por um telegrama de Augusto de Castro e, a 9 desse mês, escreve um depoimento que significativamente titula de «Poeta da Vida» e que o «Diário de Notícias» publicará cinco dias depois ⁵⁶. Pela força e importância do testemunho e por ser um dos dispersos que não vimos ainda referenciado nos estudos sobre o Poeta do *Sempre*, apresentá-lo-emos na íntegra:

«POETA DA VIDA

Teixeira de Pascoaes:

Absorto neste adormecimento contemplativo da vida solitária e campesina, fui surpreendido pela morte de Guerra Junqueiro!

acervo bibliográfico de Pascoaes: JUNQUEIRO, Guerra - *A Morte de D. João*. Porto: Liv. Moré de Francisco da Silva Mengo - Editor, 1874, LII, 278, Ip; IDEM - *O crime. (A proposito do assassinato do Alferes Brito)*. Porto; Braga: Liv. Ernesto Chardon; Eugenio Chardon; Tip. B. H. Moraes, 1875, 30p; IDEM - *A Velhice do Padre Eterno*. Porto: Alvarim Pimenta e Joaquim Antunes Leitão, Rua do Almada 217, Typ. Universal de Nogueira & Caceres, 1885. 211p; IDEM - *Os Simples*. Viana; Porto: Typ. Occidental, 1892, 128p; IDEM - *Pátria*. Porto: [Autor], 1896. 187. XXV p; IDEM - *Oração ao Pão*. Porto: Liv. Chardon, 1902, 19 p.; IDEM - *Finis Patriae*. 5ª edição. Porto: Liv. Chardon [s.d.] [1917?].

⁵⁵ VILHENA; MANO - *Raul Brandão - Teixeira de Pascoaes*, p. 75-76.

⁵⁶ Guerra Junqueiro ficará hoje depositado sob as seculares abóbadas dos Jerónimos. Sobre o atáide do grande cantor da vida, alguns dos maiores poetas da nossa terra deixam cair as flores da sua saudade e da sua admiração. Poeta da Vida. *Diário de Notícias* (14/7/1923). p. 1. col. 1. Além do depoimento de Pascoaes, ali se encontram também os de: Condessa de Noailles, Branca de Gonta Colaço, António Correia de Oliveira, Guedes Teixeira, Augusto Gil, Jaime Cortesão, Alberto de Oliveira e João de Barros.

Um telegrama do meu ilustre amigo e confrade Augusto de Castro trouxe-me a terrível notícia fulminante! É certo que os jornais anunciavam, há dias, o estado melindroso da sua saúde. Mas a morte é um fenómeno tão inverosímil e absurdo para nós, que só acreditamos nela perante a sua tremenda realidade.

Entre um agonizante, que é ainda a vida, e um cadáver, que é já a morte, existe o abismo que separa este mundo do Outro Mundo, — aquele abismo que somente a alma, liberta do corpo, consegue ultrapassar. Por isso nos custa crer na morte dum amigo que ainda vive. Assistimos à sua agonia, e, quando o último suspiro lhe imobiliza a face que arrefece, sentimos um tremendo abalo doloroso, como surpreendidos por uma tragédia inesperada. A morte é um fenómeno inverosímil, um absurdo! E a morte dum homem como Guerra Junqueiro? Um homem que viveu a vida infinita e divina, que foi um eleito da Vida?

A vida elevou-o à sua maior altitude, ao ponto mais distante da morte, apenas para o lançar, de mais alto, no abismo negro e sem fundo? Como a vida é cruel para os seus eleitos! Eis aí um mistério, o mesmo mistério que escurece o drama do Calvário.

Se houve poeta que pertencesse à vida, que amasse a vida e a glorificasse, foi Guerra Junqueiro. Junqueiro foi o poeta da vida, como Antero foi o poeta da morte e João de Deus o poeta do Amor. A divina trindade! Junqueiro foi o poeta da vida; rezou a alma dos simples, o mesmo que rezar a alma da terra; e, por último, rezou a luz, a «alma mater» de todas as coisas.

Depois de rastejar cá em baixo, no inferno das paixões políticas, libertou-se das trevas; foi subindo na luz até ao deslumbramento estático e infinito, até à expressão harmoniosa da claridade, até à «Oração à Luz», que é já a voz de Deus a rezar em português, — uma das raras maravilhas da inspiração humana, como o «Cântico ao Sol», de S. Francisco; aquele pobrezinho de Assis que repousa, em imagem, sobre o esquife do Poeta. Mas o «Cântico ao Sol» e a «Oração à Luz» são agora o mesmo canto imortal, entoado pelos Anjos, para além das estrelas e dos mundos...
9 de Julho 923

Teixeira de Pascoaes.»

As homenagens de Teixeira de Pascoaes ao «Poeta da vida» haviam de continuar. Em 1927, em co-autoria com Raul Brandão, publica *Jesus Cristo em Lisboa* ⁵⁷, uma tragicomédia em sete quadros onde se encontra

⁵⁷ BRANDÃO, Raul; PASCOAES, Teixeira de - *Jesus Cristo em Lisboa*. Paris-Lisboa: Liv. Aillaud-Bertrand. [s.d.] [1927].

uma clara alusão a Junqueiro num velho poeta de olhos voltados para a morte e para Jesus ⁵⁸.

Em 1950, ano do centenário do nascimento de Junqueiro, Pascoaes havia de multiplicar-se em conferências sobre o seu «Mestre» Junqueiro, ainda que em Setembro daquele ano, à pergunta de um inquérito - «Julga dever alguma coisa à poesia de Junqueiro?» -, tivesse respondido (apenas): «A Guerra Junqueiro devo imenso como leitor.» ⁵⁹.

Como tentámos demonstrar, foram fortes os laços de amizade e admiração recíproca entre os dois Poetas de que nos ocupamos. Junqueiro era mais velho que Pascoaes vinte e sete anos. Foi o ídolo da juventude de Pascoaes. Este confessou-se mesmo seu discípulo. Porém, como todo o bom discípulo, Pascoaes «separou-se da origem» e seguiu por caminhos próprios.

HENRIQUE MANUEL S. PEREIRA

Abstracts

CARVALHO, José Carlos - *Archaeological Proposals about the appearance of early Israel on Canaan Land.* p. 3-22

The author discusses the reliability of the most well known and definable archaeological proposal on the birth of ancient biblical Israel. These proposals are resumed to four, according the significance given to the archaeological data found until today in the Holy Land area, which are themselves discussed and availed. This work is not mere descriptive, but the author goes through and takes distance from each one of the theories and their representative authors even though he shows sympathy to two of them. In general terms these four theories can be assembled in two different perspectives: one sees the origin of ancient Israel in a violent mood (either coming abruptly from the exterior or being born through a social movement within the Land of Canaan), and the other explication finds the origin of biblical Israel through a pacific movement (either coming from outside, or through a normal power transition inside Palestine). At the end, the author does not forget to underline the frontier between data and interpretation, historicity and faith, for the Exodus events do not depend at all on these reasoning efforts which try to explain the possible best way how the people of God came to light.

MENESES, Ramiro Délio Borges de - *The Universe's Autumn.* p. 23-40

The Universe is very, very, very, very, very... Big! In the meantime, it will be everlasting clearness, and lives from God, to God, and in God.

The Universe's End is a mirage, because there is not the End but only a time's Process according to astrophysical, and philosophical Thought. Therefore, this question doesn't try a theological interrogation.

ROCHA, Georgino - *Education and Pastoral of Human Rights.* p. 41-59

Human rights consist of principles and values that show and promote the dignity of the person and peoples. The Declaration of 1948 is one of the best historic

⁵⁸ Sobre a génese desta peça veja-se a correspondência trocada entre Brandão e Pascoaes: VILHENA; MANO - *Raul Brandão - Teixeira de Pascoaes*, p. 26-29.

⁵⁹ Um inquérito sobre Guerra Junqueiro. *Vértice*. n.º 85 (Set. 1950). p. 146-153.